

O PROFESSOR NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA – AUSÊNCIA OU PRESENÇA ALHEADA?

Solange M. O. **Magalhães** – UFG

Ruth Catarina C. R. de **Souza** – UFG

Valter Soares **Guimarães** – UFG

Este artigo tem como base empírica a pesquisa denominada “A produção acadêmica sobre os professores/as – um estudo interinstitucional da Região Centro-Oeste”; fundamenta-se também em parte significativa da literatura contemporânea sobre o professor e tem como objetivo básico: discutir a efetiva presença do professor na literatura contemporânea que se produz em programas de pós-graduação. Como foi dito, nossa base empírica é a região Centro-Oeste, mas as conclusões a que temos chegado podem ser ampliadas para boa parte da pesquisa acadêmica que se desenvolve no Brasil.

Sabemos da complexidade de variada natureza que envolve a proposição de discutir a produção acadêmica, colocando-a, até certo ponto, em questão. Por isto, insistimos em afirmar que não se trata, absolutamente, de questionar a pertinência dos objetos investigados, nem uma intromissão na liberdade acadêmico-científica dos investigadores.

Sabemos que a familiaridade facilmente dificulta uma visão mais acurada das questões. É o que nos parece que está acontecendo com a afirmação recorrente sobre o aumento das pesquisas e, principalmente, sobre o aumento da atenção que está sendo dada aos professores nas últimas décadas, não só no Brasil. Na expressão de Dias-da-Silva, (2005, p. 382) “nunca se teve disponíveis tantos resultados de pesquisa sobre a realidade brasileira (...). (...) nunca o país investiu tanto na formação continuada de seus professores”. Constata-se que essa atenção, sob o aspecto oficial, ora se manifesta sob a perspectiva de leis e diretrizes, diagnósticos, reformas e processos de avaliação que dos mais despreziosos aos mais significativos, sempre miram o professor na sua formação, atuação e na sua profissionalização.

Essa atenção se manifesta, como nunca antes visto, também nos meios de comunicação, principalmente em revistas de grande circulação. Comumente, sob a forma de cobranças de novos papéis à escola, de novas aprendizagens que os professores precisam garantir e múltiplas competências que têm de desenvolver para lidar com o imprevisível que, à vezes, envolve condutas muito inusitadas para um processo educativo, mas que vai se familiarizando também na sala de aula, por já ter se familiarizado na sociedade.

Declaradamente, com todo esse contexto, pretende-se a melhoria da qualidade da educação local e nacional e, inegavelmente, a força motriz de tudo isso é a constatação (mesmo que por falta de alternativa) da importância da educação escolar como via de constituição de nacionalidades, realização do ser humano e das sociedades, mas também para a consolidação de ideários político-econômicos.

Essa atenção em relação ao professor se deve também à tentativa de responsabilização desse profissional em relação aos destinos educativos da sociedade; tem também o caráter de uma busca de controle de sua profissionalização; como também serve muitas vezes à promoção de equipes governamentais. Mas, sem separar os vários fatores, esse destaque ao professor se deve, sobretudo, à constatação de que ele ainda é decisivo no processo de educação do país.

Contudo, avaliamos que nesse aumento de atenção e de cobrança ao professor estão embutidos três aspectos, em nossa opinião, profundamente perversos¹. Vamos discutir, mesmo que rapidamente, esses três aspectos para, depois, apresentarmos dados da pesquisa institucional, mostrando se e como o professor efetivamente aparece na produção acadêmica.

Provavelmente o segmento educacional seja um dos que mais explicitamente está em disputa em nossa sociedade, contemporaneamente. É um segmento em disputa por vários motivos, entre eles: é um setor que se apresenta muito promissor, em se tratando de lucro e em que se permite baixos investimentos; é um segmento que pode facilitar ou dificultar a viabilização de ideários político-econômicos; tornou-se historicamente um campo muito propício para quase todo tipo de diletantismo. Esse último fato, aliado ao consenso sobre “a importância da obra e do ofício” educacional e docente, respectivamente, facilmente atribui um traço de idoneidade e de “politicamente correto” a quem ostenta esse discurso.

O outro aspecto perverso, embutido nesse aumento da atenção ao professor é a fragilização, melhor, a vulnerabilização da profissão docente. Essa vulnerabilidade se torna ainda mais gritante quando pensamos em aspectos como: o longo tempo de existência do ofício, a dimensão quantitativa desse segmento, a sua efetiva importância (para além dos pieguismos vocacionais), a quantidade de instituições envolvidas com a formação, o conhecimento disponível a respeito do ofício, da formação e da atuação, entre outros. É claro que essa vulnerabilidade foi constituída e se explica

¹ Esses e outros aspectos, sob enfoque e em contexto diverso, foram abordados por Maria Amélia Santoro Franco em sessão da 31ª. Reunião Anual da ANPED.

historicamente. De maneira interdependente, tais explicações podem ser buscadas nas características deste segmento profissional, em sua natureza e no papel desempenhado no mundo da produção material; podem ser buscadas também na especificidade do trabalho docente². Este é um aspecto tão pouco levado em consideração nas políticas públicas para a educação, principalmente quando se fala de estatuto do professor.

O último aspecto refere-se ao descompasso entre intenção e gesto, ou discurso e ação, ou, ainda, teoria e prática. Ao que parece, o fato de o discurso sobre a “importância da obra” se desdobrar mais em exigências, geralmente burocráticas, do que em condições infra-estruturais, em prestígio profissional, melhoria da formação, avaliação rigorosa (diga-se profunda, constante, transparente e democrática), remuneração condizente e jornada adequada a este trabalho, acabou gerando e alimentando um estado de indiferença, de ceticismo do professorado, que dificulta qualquer mudança (GUIMARÃES, 2004).

A pesquisa “A produção acadêmica sobre professores – estudo interinstitucional da Região Centro-Oeste” envolve os programas de pós-graduação em educação da Universidade Federal de Goiás/UFG (que coordena o projeto), Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS, Universidade de Brasília/UnB, Universidade de Uberlândia/UFU e Universidade de Uberaba/UNIUBE. Atualmente, participam da pesquisa: 21 professores pesquisadores, 23 pesquisadores colaboradores (alunos e ex-alunos de pós-graduação), 15 bolsistas de iniciação científica. O sub-grupo da UFG está constituído de 4 professores, 4 alunas de graduação do programa de iniciação científica e 9 (colaboradores alunos e ex-alunos do nosso Programa de Pós-Graduação em Educação).

A pesquisa “A produção acadêmica sobre professores – estudo interinstitucional da Região Centro-Oeste” tem os professores como tema. A opção por estudar o professor expressa uma visão do mundo, pois delimitar uma problemática implica escolher e nomear aspectos que serão levados em conta, a partir dos antecedentes disciplinares, papéis, histórias passadas, interesses e perspectivas econômicas e políticas (SCHÖN, 2000).

² Este é um ofício desgastante, em que o professor é obrigado a lidar, avaliar e decidir em contexto de incerteza e de inúmeras mediações circunstanciais; é um ofício que, por ser de interação constante, facilmente se torna desgastante e, muitas vezes, penoso e estafante ... esses e outros aspectos efetivamente não são levados em conta no estabelecimento de jornada, na definição de condições de trabalho e de remuneração do professor. Efetivamente, a docência parece ser um segmento, mesmo com a grandiloquência dos discursos, que ainda não mereceu atenção dos governantes brasileiros, pode-se dizer, generalizadamente.

Estudos sobre a produção acadêmica que analisam a produção desenvolvida por docentes e pesquisadores vêm ocorrendo com certa frequência nas universidades brasileiras. Esses trabalhos, para Larocca, Rosso e Pietrobelli de Souza (2005), têm sido desenvolvidos a partir de um processo metaanalítico da produção existente, contribuindo significativamente para analisar os processos adotados na produção do conhecimento. São relevantes os estudos avaliativos, sobretudo para os próprios Programas de Pós-Graduação, por permitirem a crítica do conhecimento produzido, apontando aspectos positivos e/ou negativos e por investirem na melhoria da produção.

A pesquisa “A produção acadêmica sobre professores – estudo interinstitucional da Região Centro-Oeste” se insere nesse contexto. Trata-se de um amplo grupo de pesquisadores que investiga a também ampla produção que os próprios programas da Região Centro-Oeste desenvolvem sobre o professor, no período de 1999-2005, como se verá adiante.

Diferentemente da maioria dos estudos caracterizados como “estado da arte”, optamos por ler não só os resumos, mas o texto completo das dissertações, pois verificamos que, na sua maioria, as informações veiculadas pelos resumos não traduzem o trabalho desenvolvido pelos discentes e nem sempre fornecem elementos consistentes para a investigação. A partir desta leitura integral, as obras são analisadas, catalogadas e discutidas em cada grupo que compõe a pesquisa. As categorias de análise utilizadas na avaliação desses trabalhos estão consolidadas em uma “ficha de análise” comum a todas as equipes.

Nesta primeira etapa, a pesquisa analisa as dissertações sobre professores, defendidas entre 1999-2005, nos respectivos programas de cada universidade associada, e empenha-se no alcance dos seguintes objetivos: a) a identificação, organização e catalogação, no conjunto da produção acadêmica dos Programas de Pós-Graduação em Educação participantes, dos trabalhos que abordam o tema "professor", no período de 1999-2005; b) a análise desse período, enfocando sob uma perspectiva histórica, os diferentes temas e seus desdobramentos, os referenciais teóricos e metodológicos, as concepções de educação, de professor, de ensino e de aprendizagem, explicitados nas dissertações e teses sobre o professor; c) a explicitação e análise dos tipos de pesquisa presentes nessa produção; d) a classificação das dissertações quanto aos cursos de pós-graduação em que foram realizadas e seus respectivos orientadores; e) a constituição de espaços interativos para promoção do intercâmbio de dados e informações, debate de idéias e trabalho em parcerias entre os pesquisadores da área na Região; f) a

contribuição para os trabalhos de orientação de estudos, pesquisas e publicações nos referidos programas, e em outros similares situados nesta e em outras partes do País, com subsídios em dados e bibliografias, produzidos sobre o tema em âmbito regional.

Assim, analisamos e catalogamos em ficha específica as dissertações (os programas não tinham ainda teses defendidas nesse período) defendidas no período de 1999 a 2005.

Não houve uma definição formal de descritores para a escolha das dissertações a serem analisadas. O grupo convencionou que tomaria as dissertações que se referissem diretamente aos professores sob o aspecto da **formação, profissionalização ou prática docente**. Foram selecionadas 371 dissertações, das 1089 até então defendidas. A tabela abaixo mostra as dissertações defendidas e as que se referiam ao professor, em cada programa.

Instituição	Dis. defendidas	Dis. sobre o professor
UFG	275	72
UFMT	261	90
UnB	247	89
UFMS	99	33
UFU	163	54
UNIUBE ³	44	33

A primeira constatação que nos saltou aos olhos foi a quantidade pequena de trabalhos que se referiam aos professores (34%), contrastando, de alguma maneira com a recorrente a afirmação da atenção que os professores têm merecido, também na produção acadêmica. Como os programas investigados são de pós-graduação em educação, esperava-se que um número maior de trabalhos referissem ao professor.

Como anunciamos no início deste texto, gostaríamos de pensar um pouco mais, se e como o professor está se fazendo presente, está aparecendo em nossas pesquisas. Para isso, vamos apresentar dados quantitativos gerais da pesquisa e centrar nossa

³ Cabe esclarecer que o Curso de Mestrado em Educação: Formação de Professores da Universidade de Uberaba teve início no segundo semestre de 1999 e seu reconhecimento ocorreu em 03 de junho de 2003. Sendo assim, analisamos as dissertações defendidas nos anos de 2003 e 2004, correspondentes aos trabalhos da primeira e segunda turma, respectivamente. O total de dissertações defendidas nesses dois anos foi de 44, sendo 21 de alunos da primeira turma e 23 de alunos da segunda turma. Em 2005 não ocorreu nenhuma defesa.

atenção nas dissertações de mestrado defendidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação/UFG e analisá-las a partir da “ficha de análise” adotada na pesquisa.

Essa “ficha de análise” tem como itens principais: o resumo e palavras-chave da dissertação, os temas estudados (formação, profissionalização ou prática docente) o referencial teórico, qual o tipo de pesquisa, aspectos do método (se está ou não explicitado e, se sim, qual) e concepções de educação e de professor (se estão ou não explicitadas e, se sim, quais).

Em função dos limites deste artigo, vamos analisar especificamente as dissertações que tratavam da profissionalização docente. Este foi um tema sobre o qual se afirma que passou a merecer significativa atenção nos últimos 20 anos, da pesquisa educacional, no caso, brasileira.

À medida que tais estudos passaram a ser publicados, foi sendo também mais bem evidenciada a complexidade da temática profissionalização, no caso, docente. Constatou-se que essa discussão envolvia abordar as questões da docência enquanto **profissão** (limites, equívocos, possibilidades e constituição de entidade e estatuto de ética), **a proletarização** (perda de controle da totalidade do seu trabalho; questões de jornada, condições e divisão do trabalho, remuneração), **as relações de trabalho, a autonomia e saberes profissionais; as questões de gênero**, entre outras. Embora haja propostas de operacionalização e de constituição de um código deontológico para a profissão docente⁴, não é este o enfoque predominante das discussões.

Além da complexidade da discussão “profissionalização docente”, tem-se constatado que também o efetivo processo de profissionalização do professor não é menos complexo; depende de inúmeras mediações de variada ordem e tem se arrastado por séculos. De atividade individual e independente, a docência passa, na Idade Média, a atividade relativamente coletiva, sob os auspícios da Igreja; posteriormente, na modernidade, ao domínio dos Estados. Contemporaneamente, os professores vinculam-se a um ofício em processo de profissionalização, e convivem com um estatuto ambíguo, sob inúmeros aspectos⁵.

⁴ Esta discussão tem sido feita, mesmo que nem sempre publicada, por alguns profissionais da área educacional. Entre os poucos trabalhos publicados recentemente sobre a constituição de uma instituição e de um código de ética para a profissão podemos citar trabalhos da Profa. Ilma Passos em “Os caminhos da Profissionalização Docente”, Papyrus, 1998 (organizado pela mesma professora) e “Desmistificando a Profissionalização Docente”, Papyrus, 1999, (organizado em parceria com Cunha).

⁵ A docência apresenta-se como atividade com traços de profissão liberal, mas com vínculos de atividade própria de/para empregados; de alto prestígio declarado, mas com baixo prestígio efetivo; na qual há

Tal complexidade se expressa também nas maneiras amplamente divergentes como a literatura educacional trata, atualmente, essa temática. Um breve giro pela literatura mostra a existência de intelectuais que discutem a possibilidade de constituição de uma categoria profissional e de um código de ética para os professores (p.ex.Veiga, 1998); que pedem cautela em relação aos engodos presentes na aspiração de profissionalização do professor (p. ex. Lüdke, 1999); posição parecida é a de Contreras Domingo (2002), para quem “*o problema não é só qual a possibilidade de a ocupação de docente transformar-se em uma profissão, e sim mais precisamente se o que as profissões representam socialmente é uma aspiração desejável para o ensino*” (pp.58-59). Associados a esse último aspecto estão os autores que procuram mostrar os equívocos da desconsideração das questões de gênero na discussão da profissionalização do professor (p. ex. Cunha, 1999, Costa, 1996); todos eles evidenciando questões sócio - políticas que envolvem o tema. Em direção um pouco diferente estão os que criticam ferrenhamente tal pleito, evidenciando o seu traço ideológico, especificamente de vínculo ao famigerado mercado de trabalho.

“Privilegiar a profissionalização dos alunos no ensino superior é aceitar os objetivos dos organismos internacionais na área da educação, estreitamente vinculados aos objetivos do mundo da produção e do mercado, em especial assumir a lógica da competitividade, a ênfase no mundo do trabalho, nas questões imediatas e úteis, no aprender a fazer, a operar a *natureza* e a *sociedade*, distorcidas e empobrecidas, negadas em seu próprio ser, em sua identidade, reduzidas a *meio ambiente* e *comunidade*, respectivamente” (COELHO, 2006, p. 45).

Por último, há os autores que, sem desmerecer a produção anterior, argumentam em favor de uma profissionalização que contemple a especificidade profissão docente, que leve em consideração a perspectiva epistemológica diferenciada (ofício pleno de saberes, construídos também em situação; ofício ligado ao conhecimento, seu caráter de *práxis*) da profissão e sua dimensão ética (Guimarães, 2004) “que resgata a utopia e a ideologia que se manifestam na intencionalidade” (Cunha, 1999, p. 145).

exigência de formação de nível superior, mas cuja atuação se estrutura com base em saberes com alta carga experiencial; em que convive a aspiração de profissionalização, mas também com o apeço ao trabalho por vocação; passou a ser atividade principal, mas convive com o estigma de atividade secundária e, principalmente nos níveis mais elementares de educação, feminina; é uma atividade predominantemente cultural, mas induzida pelas políticas públicas a ser atividade predominantemente política; atividade eminentemente intelectual - uma vez que lida com o conhecimento - mas com características de atividade artística e artesã; pela remuneração e baixo prestígio que efetivamente gozam, os professores pertencem a uma classe popular, mas pela natureza cultural da atividade, da influência e de certo poder que detêm, aproximam-se de uma elite social, entre outras ambigüidades (Ver Nóvoa, 1995).

Frente a esse brevíssimo *tour* pela literatura sobre a profissionalização docente, cabe a pergunta: sob quais perspectivas a profissionalização do professor aparece nas dissertações que estamos analisando?

Para subsidiar esta análise vamos, primeiramente, apresentar um panorama quantitativo de como a profissionalização docente aparece nos trabalhos dos vários programas envolvidos na pesquisa.

Em nossa ficha de análise, na categoria profissionalização estão incluídas três sub-categorias: sindicalização, ação coletiva e identidade profissional. Na UFG identificamos que 37% dos trabalhos têm como tema a profissionalização. (Logo adiante vamos detalhar esta produção). Na UFMS, 24% da produção se refere à profissionalização; um destaque para essa produção do Mato Grosso do Sul é que a profissionalização é estudada somente sob o enfoque da identidade profissional, não há trabalhos sobre sindicalização e ação coletiva. Na UFU, 8% dos trabalhos investigam a profissionalização, não há trabalhos sobre sindicalização, apenas sobre identidade profissional e ação coletiva. Na UFMT, 8,9% dos trabalhos versam sobre a profissionalização, a maior parte deles sob o enfoque da identidade profissional (75%). Neste conjunto de trabalhos da UFMT, tanto a sindicalização quanto a ação coletiva são pesquisadas em 12,5% dos estudos. Na UnB, 9% dos trabalhos referem-se à profissionalização, todos abordam-na sob o enfoque da identidade profissional.

Além de constatarmos a pequena presença do professor nos estudos sobre a educação (só 34%), percebe-se que a profissionalização é um tema, em geral, pouco estudado na Região Centro-Oeste. Em nenhum programa chegou a 25%, dos já poucos estudos sobre o professor. Além disto, tais estudos da profissionalização centram-se, predominantemente, no enfoque da identidade profissional, seguida da ação coletiva e, por último, sindicalização.

No período de 1999-2005, foram defendidas 275 dissertações no programa de pós-graduação da FE/UFG. Dessas, 72 versavam sobre os professores. Dessas 72, 27 (37%) tratavam da profissionalização docente.

Aprofundando um pouco mais a análise, constatamos que das 27 dissertações que abordam o tema profissionalização, 20 delas (74%) referem-se à Identidade Docente; 5 dissertações (18,5%) tratam da Ação Coletiva e 2 (7,5%) referem-se à Sindicalização. Confirmando a tendência dos programas participantes da pesquisa, há um predomínio absoluto do tema Identidade Docente, ou identidade profissional do professor, nas dissertações defendidas no programa de pós-graduação da FE/UFG.

Vamos tomar como referência de discussão o sub-grupo das 20 dissertações que tratam da Identidade Docente, pela sua expressividade quantitativa, em relação ao universo analisado.

Frente a esses dados, a equipe voltou à leitura e análise dos resumos, concepções de professor e de educação postos na “ficha de análise”, procurando fazer outros agrupamentos desses trabalhos, com o intuito de compreender um pouco melhor as tendências das dissertações defendidas no PPGE, em relação à Identidade Docente.

Quais explicações para o percentual tão grande de dissertações que estudam a profissionalização sob o enfoque da Identidade Docente? Ao que nos parece, essa grande incidência está ligada a dois fatores. O primeiro fator refere-se à chamada “crise de identidade” pela qual passou e passam todos os segmentos profissionais a partir, em termos aproximados, dos últimos 20 anos, decorrente de mudanças generalizadas na sociedade, em âmbito mundial. Tudo isso desencadeou a chamada crise de identidade (não é raro ouvirmos falar que as famílias estão em crise de identidade, que a polícia está em crise quanto ao seu papel...). Todos esses fatores desencadearam inúmeras demandas para todos os segmentos profissionais, principalmente para o professor.

O outro fator para explicar essa grande incidência é a ampla literatura que chegou ao Brasil nos anos 90, do século passado. Mesmo que esta tendência investigativa apresente metáforas diferentes para a formação do professor, essas metáforas podem ser agrupadas na expressão “professor reflexivo”.

No contexto dessa abordagem investigativa, muitos temas passaram a ter maior destaque, entre eles, a profissionalização, sob o aspecto da identidade profissional. Então, ao que nos parece, as pesquisas e as dissertações que estamos analisando sofreram influências da perspectiva denominada “professor reflexivo”, amplamente divulgada no Brasil, a partir de meados dos anos de 1990⁶. Assim, a temática Identidade Docente foi, em nossa opinião, alavancada também por essa ampla divulgação, no Brasil, da pesquisa estrangeira.

Após uma análise mais detalhada, pudemos agrupar essas 20 dissertações em quatro sub-grupos. Criamos títulos bem amplos para esses sub-grupos, de modo que

⁶ As principais metáforas para essa tendência investigativa para a formação do professor são: profissional crítico-reflexivo, intelectual crítico, professor pesquisador, profissional crítico, entre outras. Contudo, há nelas traços comuns, tais como: - a proposta de rompimento com a perspectiva aplicativa da teoria à prática, destacando a reflexão e a produção, pelo professor, de saberes necessários e válidos, face aos desafios da sua atuação; - destaque à chamada “epistemologia da prática” como via de melhoria da formação; - afirmação da escola como *locus* de formação profissional do professor, entre outros.

coubessem as várias dissertações. O primeiro sub-grupo, com 10 dissertações (50%) refere-se à identidade no sentido de “Propostas, perspectivas e diretrizes para a formação do professor”. Nesse sub-grupo predominante estão desde dissertações com os títulos: “Filosofia para crianças – a proposta de Matthew Lipman”, a “Fenomenologia e a ressignificação do trabalho docente”, até dissertações com temáticas do tipo “O programa ‘Um Salto para o Futuro’ e o discurso da formação continuada de professores” e, também, dissertações que abordam políticas de formação, como “As políticas de formação de professores na modalidade a distância no Brasil – uma orientação mundializada”. Então é um sub-grupo bem amplo.

O segundo sub-grupo, com 5 dissertações (25%), refere-se à Identidade Docente como o “Estado atual do ser e estar professor”. Nele cabem dissertações com temas, como por exemplo: “A evasão de professores do magistério público estadual em Goiânia” e, também, “A institucionalização docente na Rede Municipal de ensino de Goiânia”.

As dissertações que discutiam o “estado da arte” da temática Identidade Docente, foram colocadas no terceiro sub-grupo. Esse sub-grupo contém 3 dissertações, portanto, 15% do total de 20, que estão sendo analisadas.

No último sub-grupo foram colocadas as dissertações que tratavam da Identidade Docente sob a perspectiva das representações sociais (no contexto da psicologia). Esse sub-grupo contém 2 dissertações, portanto, 10% do total.

Assim, esse agrupamento das dissertações defendidas no programa de pós-graduação em educação da Faculdade de Educação da UFG ajuda-nos a compreender a maneira vaga, pouco incisiva com que se trata a profissionalização docente predominantemente sob o enfoque da Identidade Docente. Essa é uma tendência bem clara nessas dissertações. O que nos parece negativo é a pulverização com que se refere ao tema profissionalização. Não estamos dizendo que o tema tenha de ser discutido nesta ou naquela perspectiva. Mas que não há, efetivamente, a discussão do tema profissionalização docente.

Enfim, as dissertações não apresentam nenhuma discussão, nenhum entendimento específico de profissionalização. Contudo, parece-nos que o problema é mais amplo. Não é só desconhecimento do tema profissionalização; não é devido ao tipo de leitura e análise das dissertações, mas sim da indefinição do conteúdo sobre os professores, de maneira geral. Foi a constatação dessa indefinição que nos levou a

questionar, no título deste artigo: em nossos estudos, os professores se fazem presentes ou tem uma presença alheada, uma semi-presença, uma presença difusa?

Arriscaríamos dizer que, da mesma forma que a discussão do tema profissionalização docente não faz parte dos nossos currículos de formação, também essa temática (profissionalização) não tem merecido, efetivamente, uma discussão específica nas pesquisas sobre o professor. Mesmo que essa conclusão se refira às dissertações desenvolvidas em um programa de pós-graduação em educação específico, os dados, mesmo iniciais, da nossa pesquisa autorizam-nos a dizer que esse é um problema presente em nossas produções, de maneira geral. E, ampliando um pouco mais o foco, poderíamos perguntar se não estaria acontecendo o mesmo com os professores, em nossas pesquisas.

Não há dúvida de que houve (e está havendo) um aumento significativo de pesquisas em educação e, especificamente sobre o professor. Contudo, temos poucas informações sobre como o professor aparece nesta produção. Como os temas “educação” e “atuação em educação” são muito amplos e multifacetados, facilmente trabalhos que tangenciam de longe a temática “educação” e “ação do professor”, podem ser considerados como trabalhos sobre a educação e sobre os professores.

O desenvolvimento desta nossa pesquisa envolve a leitura e discussão dos trabalhos integralmente, como foi dito. Não só a leitura dos resumos ou conclusões. Então, muitas vezes um trabalho que contém expressões ou palavras como: “prática pedagógica”, à “pedagogia”, “ação educativa”, entre outras, podem levar-nos a selecioná-los como trabalhos referentes à educação e ao professor. Contudo, quando fazíamos a sua leitura e análise, víamos que se tratavam de educação de maneira muito geral e, mais geral ainda, era o tratamento sobre o professor.

Como foi dito, não se trata de questionar a pertinência de tais objetos, nem tampouco a validade de tais pesquisas. Sabemos que os objetos de estudo são construídos pelos sujeitos na sua relação com o real; no processo de compreensão da realidade e de acordo com seus interesses e suas concepções. Nesse sentido, um mesmo tema, uma mesma área pode desencadear uma infinidade de objetos a serem pesquisados.

Dissemos anteriormente que em nossa ficha de análise o tema profissionalização está subdividido em três sub-categorias (identidade profissional, sindicalização e ação coletiva). Mesmo que tenhamos centrado nossa discussão na temática profissionalização em geral, chamou-nos a atenção o silêncio quase absoluto acerca dos estudos sobre a

sindicalização dos professores, como elemento da sua profissionalização. Isto nos programas da região, generalizadamente. As idéias de Shiroma (2002) nos ajudam a compreender esse fenômeno quando afirma que a ideologia dominante se faz sobretudo pelo que silencia (2003 p16). Para a autora a mudança da concepção de professor como educador ou trabalhador, que dera origem a sindicatos e uniões de trabalhadores de ensino, para a de profissional confirma a mudança gradual da concepção de educação como projeto social e político para a concepção de educação como projeto individual (SHIROMA, 2003 p.15). Isto pode nos ajudar a compreender como a profissionalização nesses trabalhos acadêmicos é concebida pelo viés da identidade profissional deixando de lado os aspectos político e coletivo do conceito.

Concluindo, questionamos até onde os professores estão de fato presentes nas pesquisas que desenvolvemos, no caso, na Região Centro-Oeste. Mais do que questionar, como hipótese de trabalho, arriscaríamos dizer que, efetivamente, os professores (sob os aspectos de sua “formação”, “profissionalização” e “prática docente”) se fazem pouco presentes em nossas pesquisas; ou, quando não é um ausente, tem uma presença alheada.

Referências

- COÊLHO, Ildeu M. “Universidade e formação de professores”. Em: *Formar para o mercado ou para a autonomia? - o papel da universidade*. Campinas-SP: Papirus, 2006.
- CONTRERAS DOMINGO, J. *Autonomia de professores*. São Paulo: Cortez, 2002.
- COSTA, Marisa. V. “Gênero, Profissionalismo e Formação Docente: Complexas Conexões”. ANAIS do VIII ENDIPE, Florianópolis-SC, 1996.
- CUNHA, Maria Isabel da. Profissionalização docente: contradições e perspectivas. Em: *Desmistificando a profissionalização docente*. PASSOS, Ilma e Cunha, Maria Isabel da (orgs.). Campinas-SP: Papirus, 1999.
- GUIMARÃES, Valter S. *Formação de professores, saberes, identidade e profissão*. Campinas-SP: Papirus, 2004.
- (org). *Os Professores e a sua Formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- NOVOA, António. (org). *As Organizações Escolares em Análise*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- SCHÖN, Donald. Educando o profissional reflexivo – um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SHIROMA, E. O. ; EVANGELISTA, Olinda . Profissionalização como estratégia de gerenciamento de professores. Revista de Estudos Curriculares, Braga, v. 1, n. 2, p. 267-281, 2003.

_____. A mística da profissionalização docente. Texto enviado à Revista portuguesa de educação. 2002.

SILVA, Maria H. G. F. da “Política de formação de professores no Brasil: as ciladas da reestruturação das licenciaturas”. Rev. Perspectiva, Florianópolis-SC, v.23, n.02, p.381-406, jul-dez. 2005.

LAROCCA, P. ; ROSSO, A. J. & SOUZA, P. de A formulação dos objetivos de pesquisa na pós-graduação em Educação: uma discussão necessária. In: *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, v. 2, n.º 3. p118-133, mar., 2005.

LÜDKE, Menga Et alii. Repercussões de tendências internacionais sobre a formação de nossos professores. *Educação & Sociedade*, n.68, 1999.

VEIGA, Ilma P. A. (org.). *Caminhos da Profissionalização do Magistério*. Campinas-SP: Papirus, 1998.

_____. *Desmistificando a profissionalização docente* (org). Campinas-SP: Papirus, 1999.